



Georg Simmel: A dimensão do conflito na manutenção das formas sociais

Georg Simmel: The dimension of conflict in the maintenance of social forms

Wallace Cabral Ribeiro

Doutorando em sociologia pelo
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade
Federal Fluminense (PPGS-UFF).
E-mail:
cabralwallaceribeiro@yahoo.com,
br

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a singularidade das interpretações sociológicas (teoria e método) de Georg Simmel no que tange especificamente a dimensão do conflito enquanto um aspecto que favorece a manutenção das formas sociais. Para Simmel, o conflito tem uma importância sociológica em si mesmo, pois trata-se de um fenômeno social que atravessa todas as sociedades, uma forma pura de sociação. Embora Simmel entenda que o conflito contribui para a impermanência e descontinuidade das formas sociais, este autor se preocupa mais pelas suas contribuições para a estabilidade. Para alcançar os objetivos delimitados nos debruçaremos principalmente sobre os escritos do autor e também textos de alguns de seus comentadores.

Palavras-chaves: Conflito. Sociedade. Sociação. Indivíduo e sociedade. Sociologia do conflito.

Abstract:

This article aims to analyze the uniqueness of Georg Simmel's sociological interpretations (theory and method) specifically regarding the dimension of conflict as an aspect that favors the maintenance of social forms. For Simmel, conflict has sociological importance in itself, as it is a social phenomenon that permeates all societies, a pure form of sociation. Although Simmel understands that conflict contributes to the impermanence and discontinuity of social forms, this author is more concerned with its contributions to stability. To achieve the defined objectives, we will focus mainly on the author's writings and also texts by some of his commentators.

Keywords: Conflict. Society. Sociation. Individual and Society. Conflict sociology.

Introdução

O estudo em tela se debruçará sobre um conceito sociológico desenvolvido por um pensador alemão, que, logo após a primeira guerra mundial, caiu no esquecimento, ficando assim durante algumas décadas; somente nos anos 1950, suas obras começaram a ser resgatadas. Nas últimas três décadas, aqui no Brasil, tem se alargado as leituras e pesquisas sobre sua vida e obra, e o emprego de seus métodos, conceitos e categorias para analisar assuntos de natureza diversa.

Simmel nasceu na cidade de Berlim, no ano de 1858, faleceu de câncer de fígado, no ano de 1918. Era de origem judaica, mas seus pais se converteram à fé protestante, por esse motivo, Simmel foi batizado nessa confissão e nunca chegou a praticar o judaísmo. Foi durante muitos anos livre docente da Universidade de Berlim. Apesar de ser bastante produtivo e relativamente conhecido entre os intelectuais alemães, não obteve destaque acadêmico, só no ano de 1914, foi convidado a assumir a cátedra de sociologia na Universidade de Estrasburgo, que, na época, pertencia ao império Germano, permanecendo lá até o fim de sua vida.

Era notório o vasto conhecimento de Simmel em filosofia, que abrangia diversas áreas como metafísica, ética, lógica e estética, era um neokantiano, pois “imensa e permanente foi a influência de Kant sobre as suas ideias” (Moraes Filho, 1983, p. 14), assim como em seu contemporâneo Max Weber. Simmel também se interessava pela psicologia, em seus textos, é possível perceber a fusão entre sociologia, filosofia e psicologia. Juntamente “com Max Weber e Tönnies, fundou a Sociedade Alemã de Sociologia” (Moraes Filho, 1983, p. 11).

Preocupado em definir qual era o papel da sociologia enquanto ciência social, Simmel deu uma contribuição singular ao formular uma teoria que reconhecia a existência de três tipos de sociologia, a formal (ou pura), a geral e a filosófica, em síntese:

A primeira tem por objeto as formas sociais como organizadoras apriorísticas da matéria social, dando-lhe estrutura e continuidade. (...) A sociologia geral é um subproduto da sociologia formal, tendo por objeto a análise do funcionamento e dos processos particulares, as condições específicas e as bases das instituições sociais. Finalmente, a sociologia filosófica, que repensa todos os pressupostos metodológicos da disciplina, permite ao sociólogo uma visão trans-sociológica do indivíduo criador (Moraes Filho, 1983, p. 24).

Simmel entende que “a sociologia formal deve estudar apenas as formas puras, desvinculadas de seus conteúdos”, enquanto a sociologia geral deve se ocupar “dos conteúdos particulares, dos ‘processos qualitativos’ (ou conteúdos) que assumem as diversas formas” (Sanchis, 2011, p. 860); já a sociologia filosófica é aquela que pensa a si mesma.

Outro aspecto inovador do seu pensamento é a questão do conflito. Simmel não trata o conflito apenas do ponto de vista dissociativo, para ele, o conflito também possui um caráter sociativo. Suas reflexões se orientam no sentido de compreender como este fenômeno mantém

as formas sociais. É neste ponto que iremos nos ater, em suma, compreender como se opera no pensamento de Simmel a dimensão do conflito na manutenção das formas sociais.

Para responder à questão central que permeia este trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, que se concentrou nas obras do Simmel e de alguns de seus comentadores. Os principais textos utilizados neste trabalho para discutir propriamente a questão do conflito são *A natureza sociológica do conflito*, *A competição*, *Conflito e estrutura do grupo*, *Questões fundamentais da sociologia* e *A metrópole e a vida mental*. Além das obras do próprio Simmel, buscou-se trabalhos que discutem suas obras, seus conceitos, métodos e categorias analíticas, como, por exemplo, a introdução escrita por Evaristo de Moraes Filho para o livro organizado por ele com textos selecionados de Simmel, número 34 da coleção Grandes Cientistas Sociais, publicado pela editora *Ática* em 1983. Há também outros pesquisadores e pesquisadoras que produziram importantes textos científicos que destrincham o pensamento de Simmel, como Isabelle de Paiva Sanchis, Ricardo Ferreira Freitas, Leonardo Bis dos Santos, José O. Alcântara Júnior e Anna Bárbara Araujo.

1 O conflito na relação entre forma e conteúdo

Um dos aspectos de suma importância no pensamento de Simmel é sua concepção metodológica de forma e conteúdo. Para este autor, forma e conteúdo são abstrações sociológicas, mas que empiricamente são inseparáveis, “já que, necessariamente, os indivíduos interagem a partir de conteúdos” (Sanchis, 2011, p. 861). Simmel, em seu sistema de pensamento, está mais preocupado com as formas puras de sociação do que com os conteúdos, por isso afirma que “as formas que tomam os grupos de homens, unidos para viver uns ao lado dos outros, ou uns para os outros, ou então uns com os outros — aí está o domínio da sociologia” (Simmel, 1983, p. 47).

De acordo com Simmel “a sociação e, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses [...] se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam” (Simmel, 2006, p. 59-60). Já o conteúdo está relacionado aos “interesses, sejam eles sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, casuais ou teleológicos [e os conteúdos são os elementos que] formam a base da sociedade humana” (Simmel, 2006, p. 59-60). As motivações quando isoladas não são sociais, quando os indivíduos se encontram assumindo práticas colaborativas entre eles que visam à satisfação e realização de seus objetivos, a formação dessa unidade é o que Simmel denomina de sociação.

A sociedade é formada por indivíduos em suas redes de interações, ela “existe onde quer que vários indivíduos entrem em interação” (Simmel, 1983, p. 59). Por isso, Simmel tem

preferência no emprego do termo *sociação* do que *sociedade*. A ideia de *sociedade* pressupõe algo pronto e acabado.

não há *sociedade* absoluta, no sentido de que deveria existir como condição prévia para que surjam esses diversos fenômenos de união; pois não há interação absoluta, mas somente diversas modalidades dela, cuja emergência determina a existência da *sociedade*, da qual não são nem causa nem efeito, mas ela própria de maneira imediata (Simmel, 1983, p. 65).

A ideia de *sociação*, por sua vez, depreende um processo dinâmico, que está sempre em aberto, que pode obter múltiplas composições, podendo ser duradouro ou passageiro. Para Simmel, “esses processos sociais, [encontram-se] num constante fazer, desfazer e refazer, e assim incessantemente” (Moraes Filho, 1983, p. 21), é sobre este ponto específico que a sociologia deve se debruçar.

A *sociedade*, tanto na sua forma quanto no seu conteúdo, está sempre sujeita a sofrer mutações, seus elementos divergentes e suas contradições corroboram permanentemente para isso. Como já foi assinalado acima, tanto a forma quanto o conteúdo são transitórios e ambos estão em um processo constante e ininterrupto de mutação, no entanto, a forma é mais estável que o conteúdo, “a instabilidade refere-se especialmente aos conteúdos da interação, não às suas formas, que são mais estáveis” (Araujo, 2010, p. 06). Esse é um dos motivos pela qual Simmel atribui mais importância sociológica à forma do que ao conteúdo.

Levando em consideração o caráter impermanente e sempre descontínuo da *sociedade*, forma e conteúdo, no bojo dessa dinâmica, podem adquirir autonomia um em relação ao outro. O conteúdo torna-se autônomo, “no sentido de que não se podem mais separar do objeto que formaram exclusivamente para seu próprio funcionamento e realização” (Simmel, 2006, p. 61). E, dessa maneira, “as formas criadas pelas finalidades e pelas matérias da vida se desprendem dela e se tornam finalidade e matéria de sua própria existência” (Simmel, 2006, p. 63). A forma, quando adquire vida própria em relação ao conteúdo, denomina-se *sociabilidade*. Essa autonomia ocorre quando a forma por si mesma ou por estímulos ganha “vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais” (Simmel, 2006, p. 64). A forma e o conteúdo podem adquirir autonomia um em relação ao outro, mas são inseparáveis. Neste sentido, o conflito, enquanto forma de *sociação*, pode adquirir autonomia em relação aos motivos (conteúdos) que levaram os indivíduos a se associarem.

As interações sociais não se dão exatamente pela concordância e pela harmonia entre as partes envolvidas, o conflito é também uma forma de *sociação* assumida a partir do conteúdo dos indivíduos em interação. Como já foi demonstrado, Simmel entende que as formas são mais estáveis que os conteúdos e, por esse motivo, se preocupa mais em compreender como as formas sociais se mantêm. Ao analisar a dimensão do conflito, Simmel procura entender como este

fenômeno, aparentemente desagregador, contribui positivamente para a estabilidade das formas sociais.

2 O caráter sociativo do conflito

Para Simmel, “o conflito é um elemento dos mais corriqueiros e intensos nas diversas sociedades e, ao mesmo tempo, um componente relativamente pouco estudado em consonância à sua relevância” (Alcântara Júnior, 2005, p. 09). Para este pensador, o conflito social é uma “ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica” (Santos, 2014, p. 547), deve ser acionado para tratar de temas caros à sociologia, como por exemplo, a relação entre indivíduo e sociedade.

Os indivíduos em sociedade são atravessados por múltiplas forças, sendo “pressionados de todos os lados, por sentimentos, impulsos e pensamentos contraditórios” (Simmel, 2006, p. 40). Sua personalidade “encontra-se entrecruzada por numerosos círculos sociais, que lhe condicionam a consciência moral” (Moraes Filho, 1983, p. 15). A individualidade é formada de acordo com a composição muito específica das múltiplas forças que constitui interna e externamente o indivíduo. Aqui, encontramos uma relação dialética entre singularidade e pluralidade de modo que o indivíduo singular é o indivíduo plural, e a pluralidade do indivíduo encontra-se na sua singularidade. Como o indivíduo singular é constituído por múltiplos aspectos, acabam ocorrendo colisões, por isso, Simmel afirma que “o conflito entre a sociedade e o indivíduo prossegue no próprio indivíduo como luta entre as partes de sua essência” (Simmel, 2006, p. 84).

A dinâmica de construção da individualidade, muitas vezes, encontra-se em contraste com o corpo social. Para Simmel, “a sociedade quer ser uma totalidade e uma unidade orgânica, de maneira que cada um de seus indivíduos seja apenas um membro” (Simmel, 2006, p. 84). No entanto, o indivíduo, dotado de um conjunto de particularidades, “quer ser pleno em si mesmo, e não somente ajudar a sociedade a se tornar plena; ele quer desenvolver a totalidade de suas capacidades, sem levar em consideração qualquer adiamento exigido pelo interesse da sociedade” (Simmel, 2006, p. 84). Muitas vezes, os interesses particulares do indivíduo não estão em consonância com os interesses gerais da sociedade. Dentro dessa perspectiva, o elemento conflitivo é um dos aspectos que constitui organicamente tanto o indivíduo quanto a sociedade.

O emprego do termo “conflito” pode suscitar interpretações com conotações puramente negativas, o próprio Simmel em uma nota chama a atenção para esse aspecto, afirmando que “o conflito impressiona a todos nós com sua força socialmente destrutiva e com uma habilidade aparentemente indiscutível” (Simmel, 1983, p. 125). Porém, ele faz uma observação, “aquilo que

à primeira vista parece desassociação, é na verdade uma de suas formas elementares de socialização” (Simmel, 1983, p. 128).

O conflito não é interpretado por Simmel apenas numa chave negativa, e os “seus aspectos positivos e negativos, no entanto, estão integrados: podem ser separados conceitualmente, porém não empiricamente” (Simmel, 1983, p. 123). A sociedade para alcançar uma determinada forma muito específica precisa necessariamente de “alguma razão quantitativa de harmonia e desarmonia, de associação e de concorrência, de tendências favoráveis e desfavoráveis” (Simmel, 1983, p. 124). Ou seja, de elementos convergentes e divergentes interagindo entre si.

Simmel procura elucidar quais os aspectos positivos do conflito que favorecem a unidade de um grupo e alega que “uma certa quantidade de discordância interna e controvérsia externa estão organicamente vinculadas aos próprios elementos que, em última instância, mantêm o grupo ligado” (Simmel, 1983, p. 126). Para conviver com pessoas insuportáveis, é importante adquirir “o poder e o direito de nos rebelarmos contra a tirania, a arbitrariedade, o mau humor e a falta de tato” (Simmel, 1983, p. 127). O elemento conflitivo “não é só um meio de preservar a relação, mas uma das funções concretas que verdadeiramente a constituem” (Simmel, 1983, p. 127).

Numa leitura simmeliana, Alcântara Júnior afirma que, “no conflito, também, destaca-se outra dimensão, a de ser ele um encontro social, com a capacidade de produzir resultados” (2005: 09), sendo o conflito “destinado a resolver dualismos divergentes, é uma maneira de conseguir algum tipo de unidade, mesmo que seja através da aniquilação de uma das partes em litígio” (Simmel, 1983, p. 122). A chave interpretativa do conflito para Simmel é a unidade, mas esta unidade “não pode ser percebida sem considerarmos que nela há também, contradição. E é justamente essa desarmonia que propicia ou permite a mudança” (Araujo, 2010, p. 06).

O conflito tem uma relevância sociológica em si mesma, pois este fenômeno permeia todas as sociedades, é uma forma pura de sociação, a existência de “um grupo absolutamente centrípeto e harmonioso, uma pura 'unificação' (*Vereinigung*)”, não só se apresenta como empiricamente irreal, como não representa nenhum processo concreto da vida” (Simmel, 1983, p. 124). Simmel foi o primeiro a interpretar a dimensão do conflito numa chave positiva, enquanto que para outros pensadores o conflito é compreendido como um elemento desagregador, instável. No entanto, para Simmel, “está descartada a possibilidade de existência de um equilíbrio sistêmico, estático, inerte, e abre-se a possibilidade para a inserção do conflito como constitutivo do social, sendo ele formador das (e formado pelas) próprias interações” (Araujo, 2010, p. 06).

Neste sentido, “o combate é uma força integradora na medida em que permite os grupos sociais, e os indivíduos que os compõem, reforçar seus sentimentos de pertencimento e, assim,

melhor definir sua posição de reciprocidade ao seio do grupo” (Freitas, 2016, p. 09). Em suma, “o conflito não gera negatividade, ou seja, desintegração social, mas, ao contrário, é elemento fundamental da própria unidade social” (Araujo, 2010, p. 06).

O inimigo externo pode ser um elemento que unifique os grupos antagônicos, favorecendo uma paz, que é baseada no conflito de interesses entre as forças internas, e pelo conflito externo à comunidade. “O grupo como um todo pode entrar numa relação de antagonismo com um poder exterior a ele e é por causa disso que ocorre o estreitamento das relações entre seus membros e a intensificação de sua unidade, em consciência e ação” (Simmel, 1983, p. 153-4). Muitas vezes, essa condição pode ser o momento chave para buscar equacionar as diferenças entre os membros, favorecendo sua unificação (mesmo existindo diferenças) ou para acentuá-las mais ainda, repelindo-os uns aos outros, contribuindo para sua total dissolução. A “condição de conflito, todavia, aproxima os membros tão estreitamente e os sujeita a um impulso tão uniforme que eles precisam concordar ou se repelir completamente” (Simmel, 1983, p. 154). Parafraseando Simmel, ou a comunidade supera de uma vez seus antagonismos, ou então se dissolve definitivamente.

Esse tipo de conflito (que tem um inimigo externo em comum) pode eliminar “radicalmente todos os elementos que possam obscurecer a clareza de seus limites com o inimigo, como também pode aproximar pessoas e grupos, que de outra maneira não teriam qualquer relação entre si” (Simmel, 1983, p. 157). Por isso, Simmel enfatiza que “a França deve a consciência de sua unidade nacional apenas à luta contra os ingleses e somente a guerra mouro transformou as regiões espanholas num povo” (Simmel, 1983, p. 158). Para o sociólogo alemão, a verdadeira importância do conflito está nas articulações entre forças divergentes, formando uma unidade entre elas, do que no motivo real pela qual essas forças se uniram (Simmel, 1983).

Em outros casos, o conflito contra um inimigo em comum pode produzir a união de forças antagônicas, pois, “nem mesmo as mais amargas inimizades impedem uma união, se esta se dirige contra o inimigo comum” (Simmel, 1983, p. 160). Essas forças antagônicas, as inimizades amargas, muitas vezes, “não tem nenhum outro motivo de qualquer associação” (Simmel, 1983, p. 161) e somente o inimigo externo e em comum é que se constitui como um motivo real para produzir laços de interdependência entre forças que se hostilizam mutuamente, ainda que seja de forma momentânea.

Uma vez que o inimigo externo em comum é eliminado, se enfraquecem os laços de solidariedade, visto que “a unidade de um grupo muitas vezes se perde, quando não há mais um adversário” (Simmel, 1983, p. 156). Ao assegurar a vitória, diminui-se a “energia que garante a unidade do grupo e as forças da dissolução, que estão sempre em funcionamento, ganham terreno” (Simmel, 1983, p. 157). Por isso, Simmel vai afirmar que existem certos grupos que politicamente produzem alguns inimigos “a fim de que a unidade dos membros continue efetiva e

para que o grupo continue consciente desta unidade como algo de interesse vital” (Simmel, 1983, p. 157).

Há casos em que a ideia de ameaça permanente ao grupo no tocante à integridade física, à soberania, aos seus valores, à economia, entre outros, tem um efeito que favorece a sua unidade, muito mais do que a luta real. Para Simmel, “é especialmente favorável à unificação se, em vez da luta real contra o inimigo, existe uma ameaça permanente de sua parte” (Simmel, 1983, p. 162). As diversas ações contra aqueles que os ameaçam são práticas agressivas que tendem a solicitar a ação de um número maior de membros da comunidade, ou como afirma Simmel, “os empreendimentos agressivos, mais que os pacíficos, tendem a solicitar a cooperação do maior número possível de elementos que de outra maneira permaneceriam dispersos e que não teriam iniciado a ação por conta própria” (Simmel, 1983, p. 163).

A própria discussão sobre a dimensão do conflito na composição da sociedade nos oferece alguns elementos que de certa forma nos ajudam a compreender as posições de Simmel no que tange à Primeira Guerra Mundial. Simmel acreditava que a Alemanha sairia dela mais fortalecida, com seus cidadãos mais unidos, com valores mais sólidos, com Estado Nacional mais consistente e com a “possibilidade de um recomeço”. Nos seus últimos anos de vida, Simmel realizou “uma intensa campanha belicista, a favor do esforço de guerra da Alemanha. Deu-se inteiro a estes propósitos, com conferências, discursos, artigos, ensaios de toda sorte” (Moraes Filho, 1983, p. 10). “A Alemanha, durante a guerra, demonstra um egocentrismo que explica a naturalidade do povo em encarar o conflito como um momento essencial ao futuro da nação alemã, poderosa e economicamente líder” (Freitas, 2016, p. 07). Simmel acreditava que a inserção da Alemanha não só produzia efeitos internos positivos, mas também efeitos externos positivos, como unificação da Europa sob sua liderança.

3 A competição e atitude *blasé* como desdobramentos do conflito

A competição no interior de uma dada sociedade, para Simmel, é uma forma de conflito indireto. O sociólogo alemão define a competição como “os conflitos que consistem em esforços paralelos de ambas as partes em relação ao mesmo prêmio” (Simmel, 1983, p. 135) e o “objetivo pelo qual a competição se dá em uma sociedade sempre é, presumivelmente, a favor de uma pessoa ou de terceiros” (Simmel, 1983, p. 139).

Nas sociedades contemporâneas, Simmel compreende que as formas particulares de competição são generalizadas, pois “a competição moderna é descrita como a luta de todos contra todos, mas ao mesmo tempo é a luta de todos e para todos” (Simmel, 1983, p. 139). Essa ideia dialoga com as de Friedrich Engels em sua clássica obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* (1844/1845). Este desenvolveu a teoria da concorrência generalizada nas grandes cidades industriais e aponta que “a concorrência é a expressão mais

completa da guerra de todos contra todos que impera na moderna sociedade burguesa” (Engels, 2010, p. 117).

A guerra generalizada é característica da vida urbana. Simmel, em sua obra “A metrópole e a vida mental”, percebe que a maneira de agir e pensar nas grandes cidades possui profundas diferenças com os modos de agir e pensar no contexto rural, ele afirma que:

Com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai (Simmel, 1973, p. 12)

Simmel aponta que o metropolitano é bombardeado por informações advindas de múltiplas direções, que fazem com que tenha que se submeter diariamente a um número maior de impressões e sensações (Araujo, 2010), como, por exemplo, lidar com milhares de outros indivíduos nos espaços públicos de circulação, ou ser cercado por diversos grupos sociais (partidos, sindicatos, igrejas, família, entre outros). Para lidar com toda a pluralidade do fluxo de impressões e sensações, “o tipo metropolitano de homem [...] desenvolve um órgão que o protege das correntes e discrepâncias ameaçadoras de sua ambientação externa, as quais, do contrário, o desenraizariam” (Simmel, 1973, p. 12-13). Se por um acaso houvesse:

Resposta[s] aos contínuos contatos externos com inúmeras pessoas, tantas reações interiores quanto as da cidade pequena, onde se conhece quase todo mundo que se encontra e onde se tem uma relação positiva com quase todos, a pessoa ficaria completamente atomizada internamente e chegaria a um estado psíquico inimaginável. (Simmel, 1973, p. 17)

O que permite com que os sujeitos não fiquem completamente atomizados é o que Simmel denomina de atitude *blasé*, para este “não há talvez fenômeno psíquico que tenha sido tão incondicionalmente reservado à metrópole quanto à atitude *blasé*. Esse tipo de comportamento resulta em primeiro lugar dos estímulos contrastantes que, em rápidas mudanças e compressão concentrada, são impostos aos nervos” (Simmel, 1973, p. 15-16). O indivíduo *blasé* é aquele “que não se curva frente ao qualitativo, ao individual, tratando tudo com a mesma posição de indiferença, ou frieza” (Araujo, 2010, p. 07).

Essa indiferença padronizada, que constitui a “atitude mental dos metropolitanos um para com o outro, podemos chamar, a partir de um ponto de vista formal, de reserva” (Simmel, 1973, p. 17). Essa prática corriqueira “aos olhos da gente da cidade pequena, nos faz parecer frios e desalmados” (Simmel, 1973, p. 17), mas essa reserva “é uma leve aversão, uma estranheza e repulsão mútuas” que em contato mais próximo poderá resultar em “ódio e luta” (SIMMEL, 1973, p. 17). Simmel afirma que “a proximidade física e a estreiteza de espaço [entre os indivíduos] tornam a distância mental [ente eles] mais visível” (Simmel, 1973, p. 20). A atitude *blasé* é o que proporciona esse distanciamento mental.

A atitude *blasé* é um dos elementos que viabiliza a manutenção das grandes metrópoles, sendo uma forma dos indivíduos se relacionarem entre si, e sem ela seria impossível viver nas metrópoles. A “antipatia latente e o estágio preparatório do antagonismo prático efetuam as distâncias e aversões sem as quais esse modo de vida não poderia absolutamente ser mantido” (Simmel, 1973, p. 18). Sem isso, os cidadãos metropolitanos soçobriariam, explodindo ou se consumindo em chamas, e “o que aparece no estilo metropolitano de vida diretamente como dissociação na realidade é apenas uma de suas formas elementares de socialização” (Simmel, 1973, p. 18).

A postura admitida pelo metropolitano é uma estratégia para evitar conflitos e isso se apresenta como uma “pista rumo à compreensão das formas e do conteúdo gestados pelos conflitos e prevaletentes na sociedade” (Alcântara Júnior, 2005, p. 14). Mesmo evitando o conflito direto, a vida em contextos metropolitanos é gerida por códigos sociais de conflito e a atitude *blasé* encontra-se no cerne dessa dinâmica.

Para Engels, comportamentos advindos da concorrência generalizada existentes nas grandes cidades, como indiferença, individualismo e isolamento, são a expressão máxima da atomização dos indivíduos. Segundo este pensador, “a desagregação da humanidade em mônadas¹, cada qual com um princípio de vida particular e com um objetivo igualmente particular, essa atomização do mundo, é aqui levada às suas extremas consequências” (Engels, 2010, p. 68). A questão da atomização é um ponto de divergência entre os dois pensadores alemães, suas perspectivas particulares os levam a interpretações diferentes. Como já foi dito, para Simmel, o isolamento e a leve aversão pelo outro — comportamentos advindos da atitude *blasé* — impedem a atomização do cidadão metropolitano.

Uma questão importante tratada por Simmel que nos ajuda a compreender um pouco melhor a própria magnitude que a atitude *blasé* possui na sociedade é a relação de competição interna e a estrutura do grupo, havendo uma clara distinção entre eles. “Os próprios interesses do grupo necessitam de uma estrutura que proíba ou limite a competição” (Simmel, 1983, p. 143), pois “antes de mais nada existem para o indivíduo as consequências desfiguradoras e purificadoras enfraquecedoras do conflito” (Simmel, 1983, p. 150). Aqui, se encontra a brecha que viabiliza a atitude *blasé*, pois é em situação de paz “que membros antagônicos convivam em seu interior numa situação indeterminada, porque cada um deles pode seguir seu próprio caminho e evitar colisões” (Simmel, 1983, p. 154).

Para Simmel, uma das referências da atitude *blasé* é o modo de vida monetário característico das grandes cidades. O dinheiro é o “denominador comum de todos os valores”

¹ Este termo é um conceito chave na filosofia de Leibniz, que em seu sentido primário significa um corpo distinto, particular, mas que compõe um corpo maior, como se fosse um universo a parte, dentro de um universo maior, sendo a mônada a parte mais simples de um todo. “A Mônada de que vamos falar aqui não é outra coisa senão uma substância simples, que entra nos compostos” (LIEBNIZ, 2016, p. 39).

(Simmel, 1973), uma parte das relações sociais são monetarizadas, e “o dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade a questão: quanto?” (Simmel, 1973, p. 13). Nas relações monetarizadas, não importa as particularidades do indivíduo, o numerário que substancializa o dinheiro é indiferente, “apenas a realização objetiva, mensurável, é de interesse” (Simmel, 1973, p. 13).

Existem outros instrumentos que integram a cotidianidade da vida metropolitana, como o relógio mecânico, que mede, marca e quantifica o tempo com muito mais precisão que o relógio de sol, de água e de areia. O calendário realiza a tarefa de fazer a contagem dos dias, meses e anos. Com todos esses dispositivos, “a mente moderna se tornou mais e mais calculista” (Simmel, 1973, p. 14), exigindo cada vez mais “pontualidade, calculabilidade, exatidão” (Simmel, 1973, p. 15). O dinheiro, o relógio e o calendário contribuíram enormemente para uma matematização da vida, isso, por sua vez, é um dos fatores que favorece a elevação da intelectualidade e da racionalidade. Tudo isso “implica uma consciência elevada e uma predominância da inteligência no homem metropolitano” (Simmel, 1973, p. 13).

Outro importante aspecto da racionalidade metropolitana apontado por Simmel é o elevado grau de divisão do trabalho, que segundo o pensador alemão favorece à individualidade a partir da especialização do indivíduo. Além disso, Simmel, afirma que especialização provocada pela divisão do trabalho “torna cada homem proporcionalmente mais dependente de forma direta das atividades suplementares de todos os outros” (Simmel, 1973, p. 11). A inevitável independência é mais um elemento que leva os indivíduos a buscar se distanciar mentalmente um dos outros.

À guisa de uma conclusão

Para compreender melhor a dimensão do conflito em Simmel, inicialmente, nos debruçamos sobre sua concepção metodológica de forma e conteúdo, e verificamos que ele entende que a forma é mais estável que o conteúdo, e por isso, do ponto de vista sociológico, o primeiro tem primazia sobre o segundo. O conflito é uma forma pura de sociação, neste sentido, Simmel procura compreender como este fenômeno contribui para manter as formas sociais.

O conflito em Simmel se expressa de múltiplas maneiras, por isso foi elaborada uma discussão teórica em torno desse conceito chave na sua sociologia, abrangendo um conjunto diversificado de exemplos fornecidos pelo próprio autor, como a relação entre indivíduo e sociedade, a guerra externa, o inimigo em comum, a ameaça permanente, a atitude *blasé* e a competição. O conflito é visto como algo trivial que integra a cotidianidade das sociedades e que contribui positivamente para a manutenção das formas sociais.

Ao interpretar o conflito numa perspectiva positiva, não significa que Simmel acreditava na existência harmônica no interior de uma dada sociedade, pelo contrário, ele entendia que os

aspectos positivos e negativos do conflito estão entrelaçados, pois toda sociedade precisa necessariamente de elementos convergentes e divergentes para desenhar seus contornos específicos.

O conflito é um meio de preservar as formas sociais, e neste sentido pensar o conflito apenas como algo dissociativo é um engano e significaria olhar apenas para as aparências do fenômeno. Aparentemente o conflito pode representar um elemento desagregador, mas, trata-se na verdade de uma potente expressão de socialização. O conflito se constitui em uma realidade concreta que compõe a dinamicidade das formas sociais.

O conflito, segundo Simmel, tem o poder de agregar, de unir, de resolver dualismos internos, de equacionar diferenças, de mobilizar e de fundir. A interação pelo conflito ocorre nem que seja para destruir e eliminar fisicamente outro grupo. O conflito tem uma importância sociológica em si mesmo, pois é um fenômeno social que atravessa todas as sociedades. Embora Simmel entenda que o conflito contribui para a impermanência e descontinuidade das formas sociais, se preocupa mais pelas suas contribuições para a estabilidade. A fim de compreender como Simmel se dedica a essa problemática, foram realizadas leituras e análises diretamente sobre seus textos e de alguns de seus comentadores.

Referências

ALCÂNTARA JÚNIOR, José O. Georg Simmel e o conflito social. *Caderno Pós Ciências Sociais* - São Luís, v. 2, n. 3, pp. 07-15, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/viewFile/222/154>>.

ARAUJO, Anna Bárbara. Notas sobre o conflito Simmel e Norbert Elias. *Revista Três Pontos*. nº 7, vol. 1, pp. 05-12, 2010. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/2648/2025>>.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

FREITAS, Ricardo Ferreira. Sobre Simmel e a guerra: escritos na imprensa alemã. *Revista Famecos*. Porto Alegre, v. 23, n. 3, s.p., setembro, outubro, novembro e dezembro de 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/23336/14597>>.

LIEBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Monadologia*. Lisboa: Colibri, 2016.

MORAES FILHO, Evaristo de. Introdução - Formalismo sociológico e a teoria do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34. São Paulo: Ática, 1983.

SANCHIS, Isabelle de Paiva. Simmel e Goffman: uma comparação possível. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, vol.11, n.3, pp. 856-872, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8340/6133>>.

SANTOS, Leonardo Bis dos. O conflito social como ferramenta teórica para interpretação histórica e sociológica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas*. [online], vol.9, n.2, pp.541-553, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-81222014000200015>>.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. *O fenômeno urbano*. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org). 2ª edição. Tradução de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Zahar, 1973, pp.11-25.

SIMMEL, Georg. A Natureza Sociológica do conflito. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34. São Paulo: Ática, 1983, pp. 122-134.

SIMMEL, Georg. A competição. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34. São Paulo: Ática, 1983, pp. 135-149.

SIMMEL, Georg. Conflito e estrutura do grupo. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 34. São Paulo: Ática, 1983, pp. 150-164.

SIMMEL, Georg. SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Recebido em: 30/01/2024

Aceito em:25/08/2024